



MIDIATIZAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013: As contradições das colunas de Arnaldo Jabor na Rádio CBN

Patrícia Rangel Moreira Bezerra¹

RESUMO: Este artigo se insere no debate da complexidade dos fluxos comunicacionais e nos conceitos de sociedade midiaticizada. Neste cenário o Jornalismo, que ocupa papel fundamental como mediador social, tem sofrido críticas principalmente na questão da imparcialidade, aliada a interesses políticos e econômicos. Durante as Manifestações de Junho de 2013 no Brasil, ficou evidente o tensionamento do discurso da grande imprensa, especialmente nos comentários de Arnaldo Jabor para a rádio CBN, que repercutidos se transformaram literalmente numa terceira fala e refletiu a mudança de opinião do colunista, confirmando, desta forma, que a midiaticização afeta o modelo clássico de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: *Sociedade midiaticizada. Jornalismo. Arnaldo Jabor. Rádio CBN. Manifestações.*

ABSTRACT: This article is included in the discussion of the complexity of communication flows and concepts of mediated society. In this scenario Journalism, which occupies key role as social mediator, has been criticized mainly on the issue of impartiality, combined with political and economic interests. During the June 2013 demonstrations in Brazil, it was evident the tension of the discourse of mainstream media, especially in the comments of Arnaldo Jabor to CBN radio, which passed became literally a third speech and reflected the change columnist's opinion, confirming, this way, the media coverage affects the classical model of communication.

KEYWORDS: *society. Journalism. Arnaldo Jabor. Radio CBN. Manifestations.*

¹ Doutora em Processos Comunicacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo – PósCom; mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero; professora do curso de Jornalismo da ESPM-SP e Coordenadora dos cursos de Jornalismo, Rádio e TV e Relações Públicas das Faculdades Integradas Rio Branco. Email: patriciarangel@uol.com.br

Introdução

1 - Miatização e Circulação de Sentidos

Os sistemas comunicacionais têm presenciado alterações expressivas desde a chegada da internet, onde os processos participativos crescem e os dispositivos tecnológicos atendem a uma mobilidade extremamente aguçada. A circulação do produto midiático na sociedade gera processos interpretativos e são fundamentais na construção da opinião pública e de uma maneira muito ativa, os cidadãos pensam cada vez mais em colaboração e intervenção. Para pensar sobre a influência da mídia na sociedade, em nossas vidas, e no processo de miatização, o elemento crítico é um ponto fundamental.

A miatização estimula também as tensões e até a pressão às instituições e à própria mídia, ou seja, ao que é produzido institucionalmente. O clássico modelo comunicacional de emissor e receptor já não é o único. José Luiz Braga propõe um terceiro sistema, o de circulação interacional, que é definido pelo autor como uma “movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia” (Braga, 2006: 28). Neste sistema e num processo de miatização, a sociedade se organiza para enfrentar sua mídia e essa organização, ainda que diferida e difusa, afeta o conteúdo das produções midiáticas e o modo como cada indivíduo a recebe.

A miatização se refere a uma circulação do produto midiático na sociedade que gera processos interpretativos e a sociedade se organiza para tratar a mídia que recebe, gerando dispositivos sociais, que colaboram por fazer circular estes bens na sociedade novamente. Há muito mais do que apenas uma relação simples entre produto e usuário. O terceiro sistema, portanto, é a própria interação social sobre a mídia. Trata-se, portanto, de um sistema de circulação interacional.

O enfrentamento foi percebido durante as Manifestações de Junho de 2013, em reações da sociedade com sua mídia, especialmente quando houve um alargamento dos princípios do fazer jornalístico como o compromisso com a verdade, distanciamento da notícia de interesse público, a ética, a falta de apuração, entre outros.

Já que entendemos que os sujeitos não são mais tão passivos assim de manipulação midiática, há um papel ativo da sociedade em relação às mensagens e

produtos da mídia, de alguma forma existe resistência destes mesmos sujeitos. Podemos afirmar que a sociedade também processa, age e produz a partir do que recebe, interferindo, através de inúmeros mecanismos, na própria produção da mídia. As novas tecnologias são vistas aqui não como causa da midiaticização, mas como viabilizadoras destas e de dispositivos sociais, que em rede conseguem formar um circuito de fluxo de informações para quem quiser e puder dispor delas.

A internet deu um novo impulso à comunicação contra-hegemônica em rede, especialmente na articulação de ações e movimentos sociais. “As iniciativas em rede costumam ocorrer sem burocracias, valendo-se de uma cultura de trocas constantes de informações, sem maior complexidade operacional” (Moraes, 2008: 48).

Durante as manifestações de 2013, o jornalismo brasileiro passou a operar, em geral, numa lógica que o distanciou do seu consumidor e, portanto, deixou de refletir as suas preocupações essenciais. Ele se descolou da sua audiência. Quase toda a cobertura jornalística realizada pela grande imprensa durante as manifestações de Junho de 2013, esteve voltada para a criminalização do movimento.

Os manifestantes utilizaram simples celulares ou *smartphones*, redes virtuais, produção audiovisual alternativa para municiar a sociedade com a informação em tempo real do que ocorria nas ruas pelo ângulo de novas fontes. A grande mídia se pegou perdida e atônita, porque os acontecimentos fugiam ao seu tradicional esquema de pautas e coberturas. “Estes favoreceram o exercício da liberdade de expressão, sem *gatekeepers*, e numa proporção imensurável devido ao efeito de replicação das redes virtuais” (Peruzzo, 2013: 82).

Desde o começo do movimento, a dinâmica tradicional da *agenda setting* foi quebrada, uma vez que os meios tradicionais começaram a utilizar informações divulgadas nas mídias sociais para planejar sua programação. Percebe-se que as discussões circulantes nas redes sociais não mais representavam em sua totalidade o que estava sendo difundido nas mídias tradicionais e houve até certo confronto por parte dos grandes meios nas informações que circulavam nas redes, caracterizando-se quase como uma guerra midiática entre a grande imprensa e a contra informação que vinha das ruas. Mas percebendo que a população não estava de acordo com o que era divulgado pelos

meios tradicionais, os veículos mudaram de opinião, alinhando-se àquela publicada pelos usuários das redes sociais.

Para analisar um típico caso de midiatização e circulação de sentidos, o artigo analisa os comentários do jornalista Arnaldo Jabor, para a *Rádio CBN*, evidencia as contrariedades do colunista porque inicialmente foram negativos e totalmente contrários aos protestos e em três dias, se converteram em apoio e elogios aos manifestantes, já que as declarações de Jabor provocaram na sociedade uma enorme reação contrária nas mídias sociais. Desta forma, as colunas compõem um mosaico de informações pertinentes para as investigações na área da comunicação, especialmente na incoerência do jornalismo contemporâneo, muitas vezes seduzido por suas vinculações econômicas e políticas.

O rádio tem uma linguagem própria, singular e muito específica: a radiofônica. E esta linguagem vai muito além da voz, propriamente dita e que se revela como o “aprimoramento da linguagem escrita diante de uma nova tecnologia, que propicia um processo de significação complexo onde aprecia a palavra, a música, os ruídos e efeitos sonoros” (Meditsch, 1999: 23).

Os comunicadores e comentaristas do veículo rádio geralmente exercem bastante influência sobre seus ouvintes. Algumas emissoras utilizam também o cronista, que pode ser esportivo como o jornalista Sérgio Xavier, da *Rádio Band News*, ou o cronista de fatos do dia a dia, como Arnaldo Jabor, da *Rádio CBN*. De igual forma, também detém forte ingerência nos ouvintes.

Já a crônica de rádio busca a manifestação da oralidade na escrita, ou seja, o rompimento de elementos artificiais, tornando a narrativa mais natural, quase uma conversação.

Especificamente no rádio, o comunicador-cronista busca tornar a interação muito semelhante a um evento de fala conversacional face a face, espontânea, que se revela tanto na forma de estruturação dessa interação com algumas marcas típicas, quanto através dos tópicos discursivos abordados durante a realização da coluna radiofônica. O cronista de rádio busca estabelecer uma relação mais intimista com o

ouvinte, quase sempre o ouvinte é chamado de “você”, na terceira pessoa, para enfatizar este toque pessoal na audiência. Quase não há distanciamento entre emissor e receptor e a característica é a do coloquialismo. É como se o emissor estivesse falando somente para aquele ouvinte em especial, apesar da audiência massiva.

A estratégia discursiva da linguagem radiofônica, de uma forma geral, e especificamente quando se produz crônica, é a de utilizar e potencializar as narrativas orais e alterar ritmo, harmonia e o volume da voz do comunicador. A carga emotiva é um elemento diferenciador, tanto em sua intensidade, quanto no efeito em cada ouvinte.

A representação de uma ideia no rádio parte da potencialidade e do caráter expressivo do som. Tais potencialidades são representadas pelo ritmo, intensidade, timbre e o intervalo das pausas que se materializam em uma fala marcadamente musical (SILVA, 1999: 71).

A opção por utilizar o gênero literário crônica, somados ao estilo individual de cada cronista, colabora para o sucesso da interação radiofônica. Mas é certo que o tema abordado pelo comentarista-cronista precisa estar baseado em interesse imediato dos ouvintes, tal como atividades cotidianas ou com importante repercussão na sociedade.

Optou-se por analisar as crônicas de Arnaldo Jabor na *Rádio CBN* principalmente porque o sujeito-autor, inserido numa sociedade, acaba interpretando e também expressando o momento histórico por ele vivido. E desta forma, ao se utilizar de um importante veículo de comunicação, consegue atingir a milhares de pessoas com seus argumentos e reflexões. Além disso, seus comentários tiveram enorme repercussão durante o período das manifestações.

O *corpus* do trabalho foi limitado a junho, mês das manifestações brasileiras e período determinado para análises das colunas que foram transmitidas entre 7 de junho de 2013 a 28 de junho de 2013 – o que corresponde a um mês de observação e a dez comentários referentes às manifestações. As datas se justificam pelo fato de marcarem o início dos protestos.

Para fins de análise, mapeamos as formulações mais significativas encontradas nos dez comentários transmitidos pela rádio CBN, nos dias em que o movimento eclodiu, chegou ao auge e experimentou o primeiro momento de acomodação. Eles

foram divididos em quatro eixos temáticos (ET): um em que o comentarista descreve as manifestações sob seu ponto de vista (ET1), que estará representado nos gráficos na cor rosa; outro em que se descrevem os manifestantes (ET2), que estará representado nos gráficos na cor laranja; um terceiro, no qual Arnaldo Jabor fala das autoridades, ataca os partidos e cobra providências do Governo atual e do Poder Público (ET3); sendo que nos gráficos aparecerá na cor verde, e um último, em que o propósito parece ser a posição favorável do comentarista às manifestações e o intuito de acomodar o movimento no quadro das relações do poder institucional (ET4), representado aqui pela cor azul.

As falas repercutidas de Jabor transformam-se literalmente em uma terceira fala, evidencia a mudança de opinião e confirma que a midiatização afeta o modelo clássico de comunicação. Desta forma, há uma circulação de informação, fruto da sociedade em rede, que produz subsistemas de comunicação, com outras vozes sendo levadas a diante, novos sentidos transmitidos e publicados, retomadas de ideias, críticas, enfim uma difusão de respostas sociais.

2. Análise do Comentário 1 – Juventude quer agir, mas não sabe como

Arnaldo Jabor inicia todos seus comentários com a expressão “amigos ouvintes”, o que simboliza uma relação de cordialidade com o receptor da informação, para que ele o veja como crível, como parte da intimidade do ouvinte, quase um amigo, que praticamente todos os dias, no mesmo horário, entra com seus comentários.

“Violência dos manifestantes durante os protestos contra o aumento das tarifas do transporte público assusta”. O tom que é conduzido pelo jornalista é de enfatizar a violência dos manifestantes somente por conta do aumento de 0,20 centavos na tarifa do transporte público. Arnaldo menospreza o argumento das manifestações e dá a impressão que a violência é realmente exagerada.

O comentarista da *Rádio CBN*, na 3ª feira, dia 11, às 8h12, afirma que a violência não é da Polícia, afinal ela está na defensiva e precisa atacar para poder proteger o patrimônio público e os trabalhadores das grandes cidades. É clara a posição de Jabor em relação aos manifestantes, que neste comentário, dá a entender que as pessoas que se

manifestaram, eram desocupadas, ou não trabalhadoras. Jabor nitidamente divide os embates, de um lado está a polícia, instituição protegendo a cidade e o patrimônio público. Do outro estão estes manifestantes que utilizam a violência para destruir a cidade. Logo na abertura do comentário, o jornalista refere-se aos atos de protestos como batalhas de ruas, colocando nas entrelinhas de seu discurso que a violência dos manifestantes é brutal, uma espécie de selvageria.

No meio do comentário, o jornalista utiliza a nomenclatura de vândalos quando se refere aos manifestantes. Arnaldo Jabor recua um pouco afirmando que “eles”, ou seja, as pessoas podem se manifestar em relação ao aumento da tarifa do transporte ou até sobre o aumento do tomate, numa comparação depreciativa de importância à causa pública. Ao empregar o pronome “eles”, Jabor se coloca num distanciamento, em uma nítida tomada de posição em relação aos protestos. Percebemos a relação de instituição e movimento, e obviamente neste aspecto, Arnaldo Jabor e a emissora jornalística a qual está vinculado, ocupa a posição de instituição.

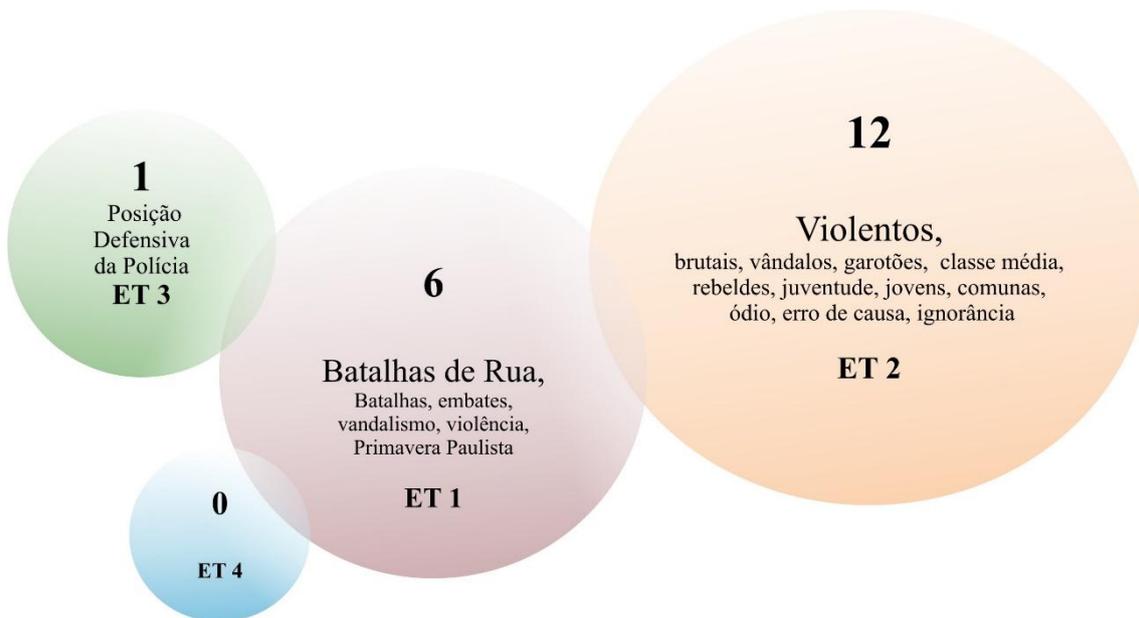
Ao defender a violência utilizada pela polícia de São Paulo, o comentarista afirma que sabe que vai receber “esculacho” dizendo que ele é a favor da polícia, que está “vendido”, mas aponta que a violência dos protestos por parte dos jovens é muito mais provocada por desejos inconscientes de soltar a agressividade e ódio do que qualquer outro motivo plausível.

Em relação à análise ao perfil econômico dos jovens manifestantes, o comentarista avalia, com bastante preconceito e visão reducionista, que nas multidões não percebeu ninguém com roupas e jeito de precisarem poupar 20 centavos de real. “Não são miseráveis, ao contrário, são garotões de classe média, bancando primavera paulista. Copiando rebeldes de justa causa como na Turquia contra o islamismo reacionário. Lá sim...mas aqui?”. Com esta frase, Arnaldo Jabor indica que as manifestações brasileiras não possuem causa que se justifique. E subentende-se que as manifestações brasileiras são menos importantes do que a *Primavera Árabe* ou qualquer outra manifestação popular contemporânea.

O comentarista da *Rádio CBN* finaliza sua coluna afirmando que grande parte dos jovens brasileiros ainda pensa como os velhos comunistas dos anos 50, ou seja,

uma questão ultrapassada e que nem a China pensa mais assim. Talvez a Coreia do Norte.

O comentário 1 do jornalista Arnaldo Jabor, para a *Rádio CBN* classifica os manifestantes como “jovens que não sabem como agir” - sob o prisma de que são alienados e não conhecem as verdadeiras causas que poderiam levar aos protestos. A faixa etária também é utilizada como justificativa da revolta quando os “jovens” soltam a agressividade e “vandalizam as ruas”, ou seja, o motivo é apenas um pretexto. As palavras e a narrativa utilizadas denigrem o movimento ao classificá-lo como violento (vandalismo) e sem causa (infundado ou pretexto). Tudo contribui para um olhar preconceituoso sobre a validade das manifestações.



O gráfico acima revela o quanto o comentário 1, do jornalista Arnaldo Jabor, para a Rádio CBN utiliza-se de palavras que definem a faixa etária dos manifestantes, buscando revestir a ação de características que são atribuídas aos manifestantes, tais como: vândalos, garotões, ignorância. O foco da narrativa está no eixo temático 2, que descreve os manifestantes brasileiros.

3. Análise do Comentário 2 – Revoltosos de classe média não valem 20 centavos

No comentário 2 de Arnaldo Jabor para a *Rádio CBN*, da quarta-feira, 12, às 8h10, sobre os protestos que ocorriam no Brasil em 2013, o comentarista inicia questionando o porque o aumento de 20 centavos na tarifa do ônibus provoca um ódio tão violento contra a cidade? O tom utilizado sobre o aumento de 20 centavos é algo sem relevância e impacto, apesar de Jabor não ter mencionado a palavra “apenas”. Jabor faz da ironia uma estratégia discursiva que consiste em desconstruir os fatos prescritos. Ele também utiliza duas palavras bem fortes e significativas que são ódio e violência contra a cidade de São Paulo, dando a entender que as pessoas que estão participando das manifestações não tem amor pela cidade em que moram e estão mais preocupadas em vandalizar tudo.

A afirmação seguinte é bastante perigosa porque afirma que esta violência contra a cidade só aconteceu anteriormente quando uma organização criminosa cometeu atrocidades em São Paulo. Neste momento Arnaldo Jabor compara as manifestações públicas que estavam ocorrendo em junho de 2013, com os ataques cometidos pela organização criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital), em maio de 2006. Jabor literalmente compara os jovens manifestantes, com os líderes da maior facção criminosa do país, responsável por inúmeros assaltos, sequestros, assassinatos e narcotráfico.

Arnaldo Jabor categoriza dizendo que a maioria dos manifestantes é filho de classe média, que não havia pobres nos protestos. Portanto nenhum dos jovens filhos de classe média precisa se revoltar porque a tarifa do ônibus está sendo aumentada em R\$ 0,20. Induz o ouvinte a compreender que afinal isto não vai fazer falta para estes jovens de classe média. Ele utiliza palavras pejorativas como “burrice”, “rancor” e “ignorância”.

Neste momento, Jabor toma novamente uma posição bastante institucional e defendendo a polícia, afirma que pobres são os policiais que ganham muito mal e que foram apedrejados e ameaçados com coquetel *molotov* pelos manifestantes. Jabor coloca claramente que os agressivos e violentos eram os manifestantes e não a polícia. É como existisse uma luta pelo controle do poder entre marginais e policiais nos grandes centros urbanos do país. Neste trecho do comentário, percebe-se que Jabor faz uso da

comparação para enfatizar com mais veemência a disparidade entre opressor e oprimido.

Mantendo o mesmo teor do discurso do comentário 1, o cronista da *Rádio CBN*, novamente indica que as manifestações brasileiras não possuem causa que se justifique ou que sejam relevantes, como por exemplo na Turquia que é uma luta justa. Pergunta ao ouvinte da emissora: “Mas aqui, se vingam do que?”. O jornalista remete um tom de menosprezo às causas dos protestos brasileiros.

Jabor avalia o protesto e os jovens que se manifestam como uma forma de “ignorância política”. Este posicionamento de Jabor induz ao ouvinte a pensar que não há razão nos protestos; novamente a validade do movimento é questionada.

Ao falar “estes caras das ruas vivem num passado de ilusão”, o pronome eles aqui é utilizado como distanciador, uma distância hierárquica, de poder. Arnaldo Jabor se coloca na voz dos ouvintes e com os ouvintes (nós) e de outro lado estão o “eles”, os jovens manifestantes. As posições aqui são antagônicas e divergentes. E termina com a frase de efeito que dá título ao comentário 2 da *Rádio CBN*: “Realmente estes revoltosos de classe média não valem nem R\$ 0,20”.

O gráfico abaixo demonstra que Jabor continua atacando os manifestantes, mas também evidencia o eixo temático 3, falando do Poder Público, aqui representado pela polícia. Ele defende e vitimiza a instituição.



4. Análise do Comentário 3 – Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos

131

Arnaldo Jabor, em seu terceiro comentário para a Rádio CBN sobre as manifestações, na sexta-feira, 14/6/2013, às 8h10, abre a coluna já afirmando que errou ao avaliar o primeiro dia de manifestações contra o aumento das passagens do transporte público em São Paulo. Ou seja, ele faz o mea-culpa sobre movimento e se desculpa pelo último comentário feito na TV Globo, no Jornal da Globo, em que chamou os manifestantes de irresponsáveis por fazer protestos por apenas 20 centavos. E afirma que era muito mais que isso. É uma coluna bem maior em tempo do que as que normalmente vão ao ar pela Rádio CBN. Tem em torno de 3 minutos e meio, em comparação aos 2 minutos costumeiros.

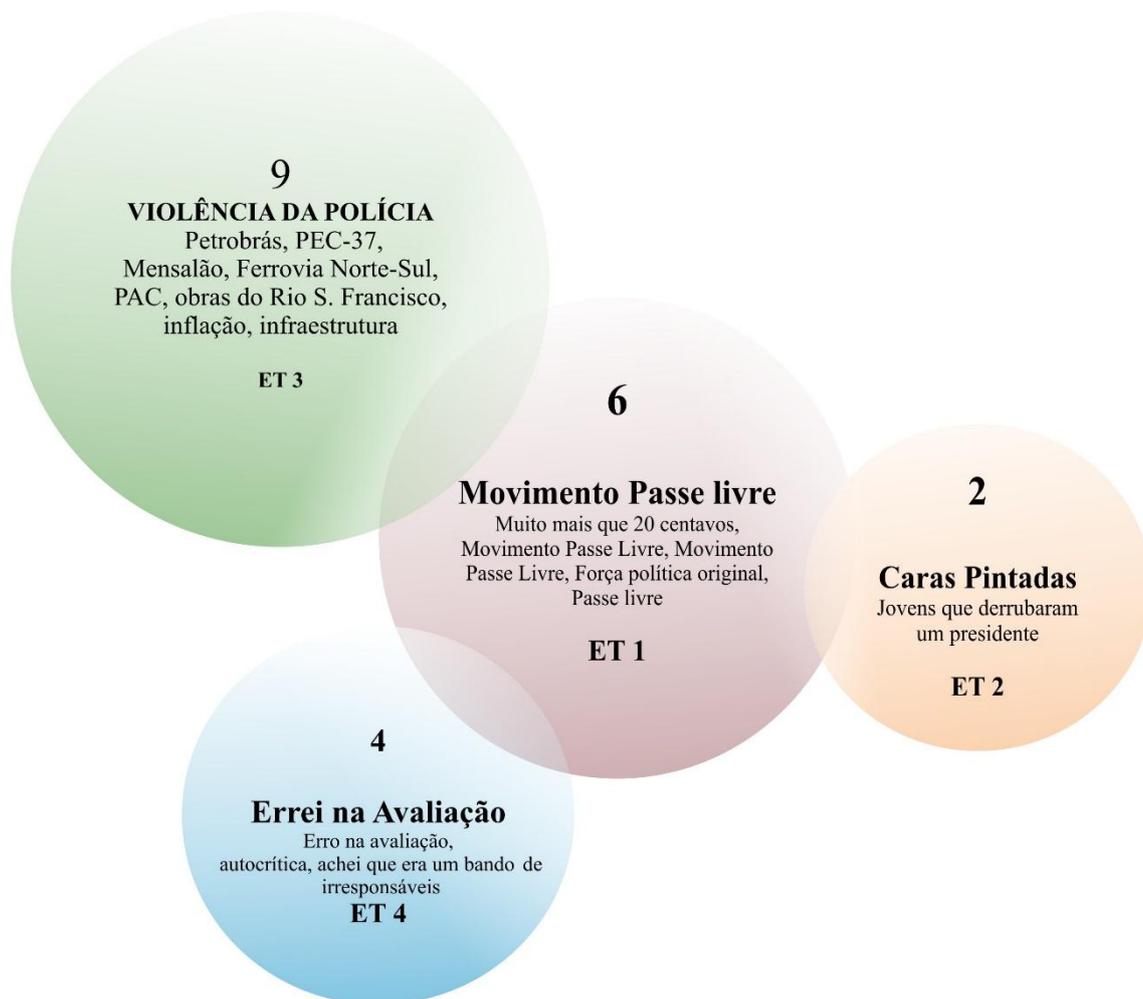
Após o pedido de desculpas ele começa afirmando que criticou o *Movimento Passe Livre* porque este tinha uma cara de anarquismo inútil. Para ele, outros assuntos mais relevantes e graves deveriam ser o foco de toda a energia do movimento. Em sua avaliação, o motivo do aumento da tarifa era uma bobagem. Num segundo *take* de seu comentário, Jabor indica que após tanta violência policial crescente nos atos de

protestos, percebeu que realmente faltava no Brasil uma inquietação, somente vista anteriormente no ano de 1982, com a geração cara pintada.

A retratação veiculada na *Rádio CBN* traz o reconhecimento de Jabor sobre o movimento que ele eleva à condição de “força política original”. O novo comentário corrige a afirmação da motivação pelos vinte centavos e estende às condições de vida dos brasileiros de uma forma geral.

Jabor deseja que a energia do *Passe Livre* seja canalizada para melhorias das condições de vida do Brasil e cita alguns fatos de grande repercussão, como por exemplo, a votação da PEC-37, o Mensalão, a morte do ex-prefeito de Santo André, Celso Daniel (PT), corrupção na Petrobrás, obras superfaturadas, volta da inflação. A retratação do comentarista Arnaldo Jabor possivelmente foi motivada pela imensidão dos protestos, que vinham aumentando a cada dia, a truculência da polícia e à repercussão internacional das manifestações brasileiras.

O gráfico a seguir demonstra que Jabor deixa de atacar aos manifestantes. Agora o jornalista compara-os aos “caras pintadas”, fala bastante das Manifestações, referindo-se a elas como o Movimento Passe Livre, é a primeira vez que aparece este termo. E também cresce o eixo temático 3, que fala sobre o governo, no caso, mal, trazendo a tona e questionando problemas do atual Governo PT. Também o discurso do eixo temático 4 aparece por conta da autocrítica, ou seja, do *mea culpa* do jornalista.



5. Análise do Comentário 4 – De repente, o Brasil virou um mar

Jabor abre o comentário da segunda-feira, dia 17/6/2013, às 7h51, novamente se retratando da sua análise errônea sobre as *Jornadas de Junho* que parecia mais uma provocação que não ia dar em nada, ou seja, nas palavras do comentarista, tudo seria inútil. Para ele, apesar do Brasil ter democracia desde 1985, ela precisaria aperfeiçoar-se, se não decairia. E afirma que para nós brasileiros, tudo sempre acabava em pizza. Era como se fosse um país paralizado, ou até desabitado. Mas eis que de repente, reapareceu o povo, e cita o movimento de Impeachment do ex-presidente Fernando Collor.

Jabor neste momento solta a frase que dá título a este comentário, dizendo que de repente o Brasil virou um mar, um despertar da juventude que estava adormecida desde 1982, mas que acordou e percebeu que existe democracia, mas também uma república inoperante.

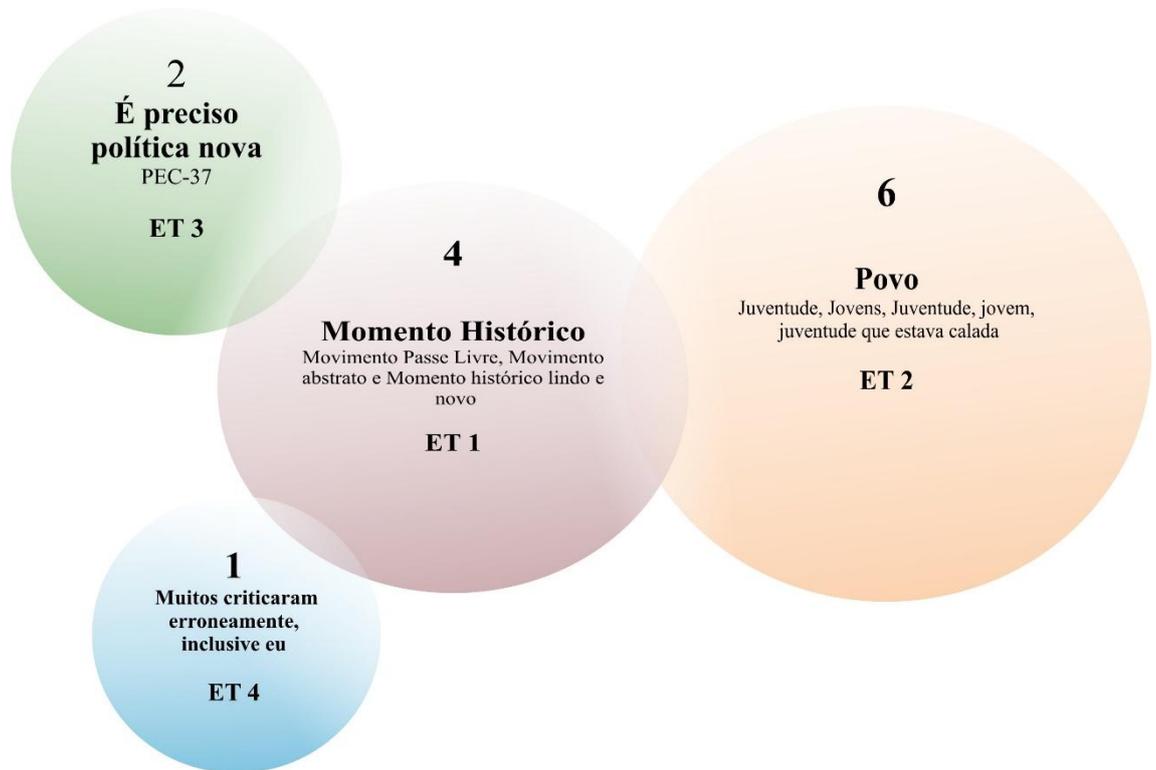
Arnaldo Jabor chama os manifestantes de jovens e não mais de jovens de classe média e fala que estes despertaram, mas que existem dois perigos nas manifestações: a tentação da violência e o vazio. Jabor critica a violência temendo que isto leve a guerras campais e chama a atenção para a difusão dos motivos dos protestos, ele teme que se for abstrato demais, tudo pode se esvaír. Aqui, há uma crítica clara a diversidade de motivação dos protestos.

Jabor entende que é necessário um foco maior e mais concreto dos movimentos, como, por exemplo, a luta contra a PEC-37, narrativa esta que ele vem utilizando desde seu primeiro comentário analisado.

Portanto, ao finalizar, ele diz que se tudo correr bem (neste caso, faz alusão aos dois grandes motivos de preocupação dele que são violência e diversas problematizações), o país viverá um momento histórico em que os jovens dão uma lição, porque democracia o Brasil já possui, mas é preciso ser uma República verdadeira.

O gráfico abaixo revela a mudança de discurso. No eixo temático 1, por exemplo, fala-se agora em momento histórico lindo e novo, e a valorização do Passe Livre. No eixo temático 2, na qual Jabor descreve os manifestantes, que antes eram vândalos, jovens filhos da classe média, são trocados por palavras como “Povo”, e “Juventude”.

O eixo temático 3, numa evidente cobrança ao Governo, clama por renovação, evidenciado pela expressão política nova e para finalizar, o gráfico ainda mostra o eixo temático 4, na qual Jabor se posiciona a favor das Manifestações ao mais uma vez afirmar que fez uma crítica errada, Mas interessante perceber que ele coloca que muitos criticaram os protestos, inclusive ele, numa tentativa de amenizar ou esconder o seu erro de análise tanto para a *Rádio CBN* quanto para o *Jornal da Globo*, da TV Globo.



6. Análise do Comentário 5 – Se derem moleza, tudo vira pó

Jabor usualmente em seus comentários inicia e pontua suas colunas com frases de efeito. Neste comentário 5, da terça-feira, 18 de junho, às 8h08, o jornalista abre falando que a grande marcha dos jovens está mudando o país. Ou seja, ele dá uma responsabilidade e relevância aos manifestantes, como de uma atuação histórica para o Brasil. Em nenhum momento aparecem frases ou palavras como nos primeiros dias de protestos, em que o colunista trouxe à tona, expressões como “violência”, “baderneiros”, “irresponsáveis”, “bando de mauricinhos”, “filhos da classe média”, “ignorantes políticos”, entre outros.

Jabor afirma mais uma vez que o povo brasileiro estava sumido e subentende que os jovens foram responsáveis por incitá-los a lutar novamente pelos seus direitos mais básicos e também a se indignarem com tanta impunidade e canalhice realizada por parte dos três poderes e políticos.

O comentarista é bastante explícito ao relatar que a opinião pública está sendo acordada pela opinião mais jovem. É como se os jovens fossem responsáveis por sacudir um gigante adormecido e que estes precisam saber o poder que tem nas mãos.

Neste momento, Jabor assume e confere o poder da massa e do povo brasileiro nas manifestações.

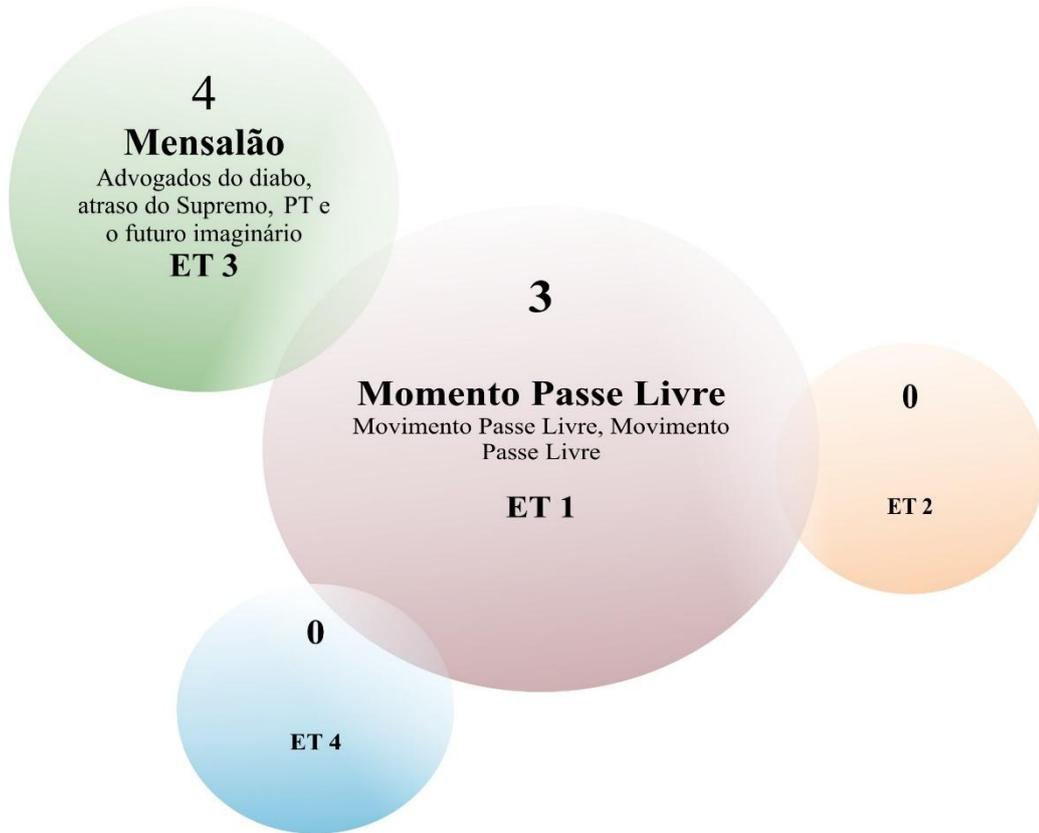
Mostra-se bastante preocupado com a perda deste poder da população se as coisas não forem feitas adequadamente. Em comentário anterior, Jabor mostrava inquietação com dois aspectos: a violência e o vazio. Neste, ele muda o tom e afirma não ter receio quanto a violência dos movimentos, mas dele cair num vazio. “O pior que pode acontecer é a passagem dos dias, a diminuição do impacto, o acostumamento das pessoas com o fato, como acontecem com muitos protestos pelo mundo”.

Jabor enxerga a necessidade de haver líderes e também uma ideia institucional para o movimento, além de amparo jurídico. Nesta parte do comentário, o jornalista coloca sua posição de institucionalizar o movimento, como se este somente fosse dar certo ou conseguir alguma vitória se fosse institucionalizado. É um pensamento bastante tradicional e contrário à característica principal das manifestações brasileiras, como ser apartidária, sem líderes e até sem um foco principal de problematização. Percebe-se, portanto, uma tentativa de induzir o ouvinte a entender que as manifestações só trarão algum resultado, se delas saírem líderes e se elas forem totalmente institucionalizadas.

O comentarista Arnaldo Jabor, em sua avaliação, afirma que o *MPL* deveria ser um poder paralelo, um poder da sociedade se representando, já que seus representantes só pensam neles mesmos, neste aspecto, ele ataca os governantes e o poder público.

O comentário número 5 termina com a frase emblemática pedindo para os jovens manifestantes escutarem a opinião “do coroa” e coloca a frase que dá título a coluna: “se derem moleza tudo vira pó”. Por ter sido muito criticado nas redes sociais por seus comentários contra as manifestações e também pelo pedido de desculpas, Jabor agora se vira diretamente aos manifestantes e apesar de se colocar como uma pessoa mais velha, talvez que esteja fora de sintonia com os acontecimentos, aconselha aos jovens a escutá-lo, numa tentativa de simpatizar com a causa.

Percebemos no gráfico a seguir o quanto fica evidente, pelo eixo temático 4, o foco da narrativa do comentário é levar as Manifestações para um parâmetro de instituição. Arnaldo Jabor sugere que para dar certo, o movimento precisa ter uma ideia institucionalizada, precisa de líderes e de amparo jurídico.



7. Análise do Comentário 6 – Redução das passagens de ônibus é tímida tentativa de aquietar os manifestantes

Arnaldo Jabor começa seu comentário 6, na quarta-feira, 19 de junho, às 8h06, para a *Rádio CBN*, bem irônico ao indagar se ou ouvintes estão percebendo como as autoridades estaduais, municipais estão encantadas com a democracia e com o direito do povo em se manifestar. Mas afirma que no Congresso está tudo quieto porque lá é local das votações secretas como a PEC-37, um dos principais motivos para os jovens se manifestarem e de vergonha nacional.

Com esta última frase, Jabor afirma que a PEC-37 é um dos principais motivos das manifestações, o que é uma inverdade, afinal, a PEC-37 está sim no rol das inúmeras razões dos protestos, mas não é a central.

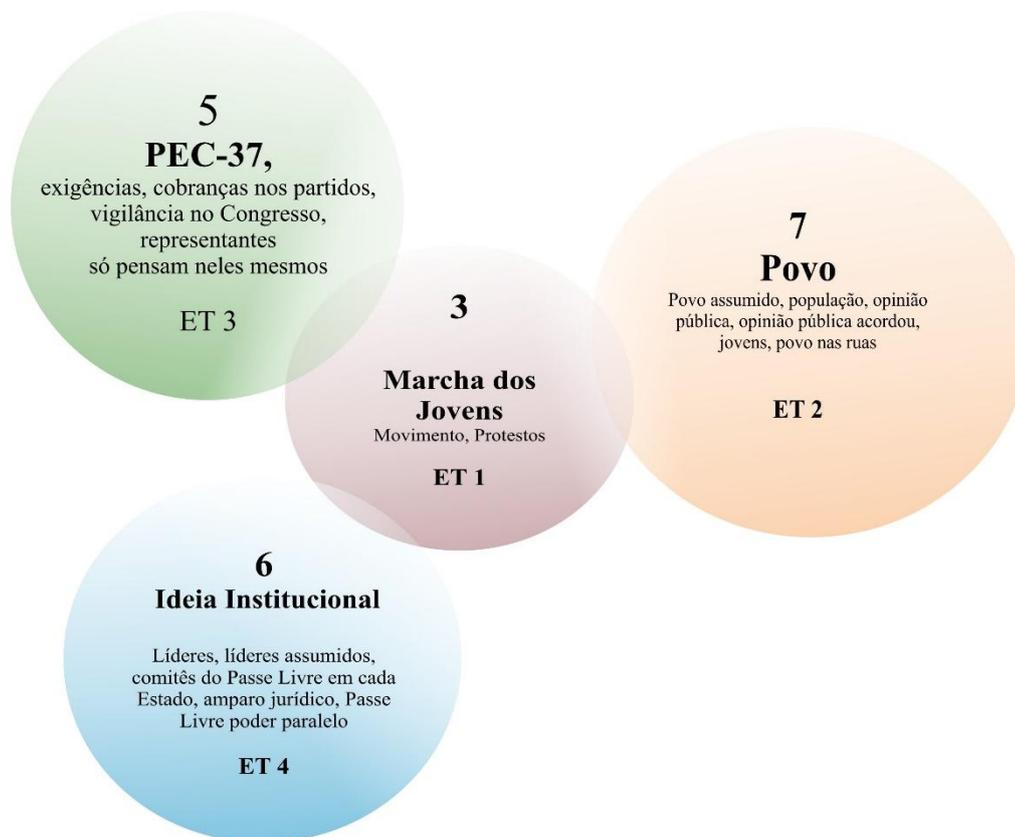
Aliás, houve uma centralidade quando o motivo ainda era o aumento da tarifa do transporte público, posteriormente e com o aumento da participação da população nos

atos, cresceram também os motivos: educação, gastos excessivos com a Copa do Mundo no Brasil, saúde, transporte, corrupção, entre outros.

Jabor, desde o início dos comentários para a *Rádio CBN*, referentes às manifestações, apresenta a narrativa dos jovens olharem para a PEC-37. Em todas as colunas há menção deste assunto. O foco deste comentário é indicar que o poder público não está preocupado em atender as reivindicações e que a tomada de decisão de baixar as tarifas é uma tentativa tímida de ver se aquietava os manifestantes.

O comentarista cobra as autoridades e os partidos políticos, especialmente o PT, por estar no poder há dez anos, em dar explicações sobre a corrupção impune, superfaturamento da compra da Refinaria Pasadena pela Petrobrás, saúde, etc. Pede que eles venham a público e deem satisfação à sociedade.

Este discurso é nitidamente percebido na representação gráfica abaixo, no qual o eixo temático 3, ser o eixo em que o comentarista Arnaldo Jabor, ataca o Governo e os partidos políticos. Ele ainda cita o nome da Presidente Dilma Rousseff, do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do atual Prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad.



8. Análise do Comentário 7 – O que pode esvaziar o Passe Livre?

Jabor abre seu comentário da quinta-feira, 20 de junho, às 8h12, falando que as Manifestações brasileiras aconteceram de forma súbita e que parecia um movimento menor, mas ao que parece já pode ser considerada a *Primavera Brasileira*. Ele compara os protestos brasileiros com a *Primavera Árabe*, movimentos que aconteceram em 2011 na Turquia.

Interessante analisar que esta afirmação é totalmente antagônica aos primeiros comentários (1 e 2) que justamente criticavam o caráter de nossas manifestações. Jabor analisa que os jovens estão vivendo um momento maravilhoso que é a sensação de poder e passa a colocar as questões que pode esvaziar o *Movimento Passe Livre*: Excesso de otimismo; deslumbramento com o sucesso e o passar do tempo;

Ao seu ver, para evitar o esvaziamento do movimento, afirma que este deve se objetivar, ter lideranças em cada estado permanentemente conectados, comitês vigilantes, sem ações abstratas. Neste momento, pela primeira vez nos comentários até então levados ao ar pela *Rádio CBN*, ele cita a imprensa e sugere que para o movimento das certo tem que haver uma ligação constante com a imprensa com fontes sérias, tem que ter uma central de informações.

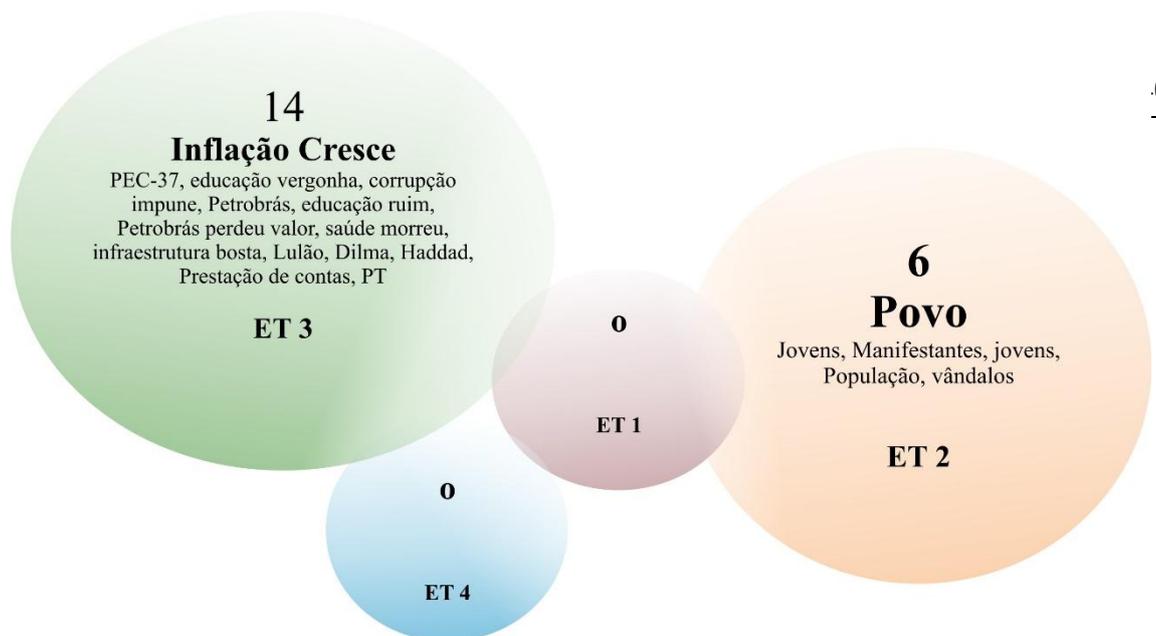
A ligação com a imprensa é interessante, sendo esta justamente a que foi totalmente contra ao movimento e que não soube analisar e nem cobrir os acontecimentos. Todas estas sugestões de Arnaldo Jabor são soluções para institucionalizar o movimento porque para ele somente desta forma, ele terá continuidade e trará resultados. Este discurso do jornalista foi utilizado também na condução do comentário nº 6, que tem como título: *Se derem moleza, tudo vira pó*.

Jabor também condena o vandalismo do protesto do dia anterior, e afirma que estas sugestões não são para entrar na política tradicional, mas de criar uma ativa

periferia crítica à política atual. Só desta forma, ele entende que o movimento não se esvaziará.

Assim como fez no comentário 6, o gráfico deste comentário mostra que o foco da narrativa está no eixo temático 4, que trata de induzir os ouvintes a colocar as Manifestações no quadro de relações do Poder Institucional. Jabor aponta mais uma vez que para o Movimento Brasileiro dar certo e não perder o foco, nem morrer na praia, precisa de um poder institucional, com líderes e comitês organizacionais.

Aqui aparece inclusive uma indicação do comentarista sugerindo aos manifestantes que eles precisam ter ligação com a imprensa, com fontes sérias. Aspectos de uma dinâmica institucional da sociedade, contrária do que vinham pregando os manifestantes e as Jornadas de Junho, ao menos, no início, com características contra-hegemônicas e apartidárias.



9. Análise do Comentário 8 – País não vai mudar com um 'passe livre de mágica'

“A primeira vista estas manifestações pareciam uma provocação anárquica, sem rumo. Muitos acharam isso, inclusive eu”. É desta forma, mais uma vez fazendo uma reavaliação e uma *mea culpa*, que Arnaldo Jabor inicia seu comentário 8, na sexta-feira, dia 21, às 9h16, a respeito da onda de protestos do mês de junho de 2013. Ele retoma alguns pensamentos de outros comentários dizendo que o povo acordou, que a sociedade estava adormecida, mas depois de 20 anos (fazendo referência ao movimento de Impeachment de Collor), a população, liderado por jovens, volta a acordar.

Jabor afirma que a opinião pública reclamava muito, queixava-se bastante, mas pouco agia. Agora é diferente porque os jovens estão com o poder. Este argumento do comentário também é referente a outros, percebe-se que a narrativa é mantida neste sentido.

Na metade do comentário, ele indaga mais uma vez o que pode comprometer o movimento. Assim como fez no comentário 7, quando aponta as questões que podem esvaziar o *Movimento Passe Livre*: excesso de otimismo, deslumbramento com o sucesso e passar do tempo. Mas desta vez ele não apresenta estes motivos e sim a palavra de ordem é o vandalismo.

“O vandalismo se explica pela infiltração de vagabundos, punks e marginais aproveitando que a polícia não pode atirar para matar”. Com esta frase, Jabor se refere aos *Black blocs* que já vinham penetrando nos protestos, inclusive no auge das manifestações, que foi o dia 20 de junho, com três milhões de manifestantes nas ruas em mais de 140 cidades brasileiras, e em 11 capitais.

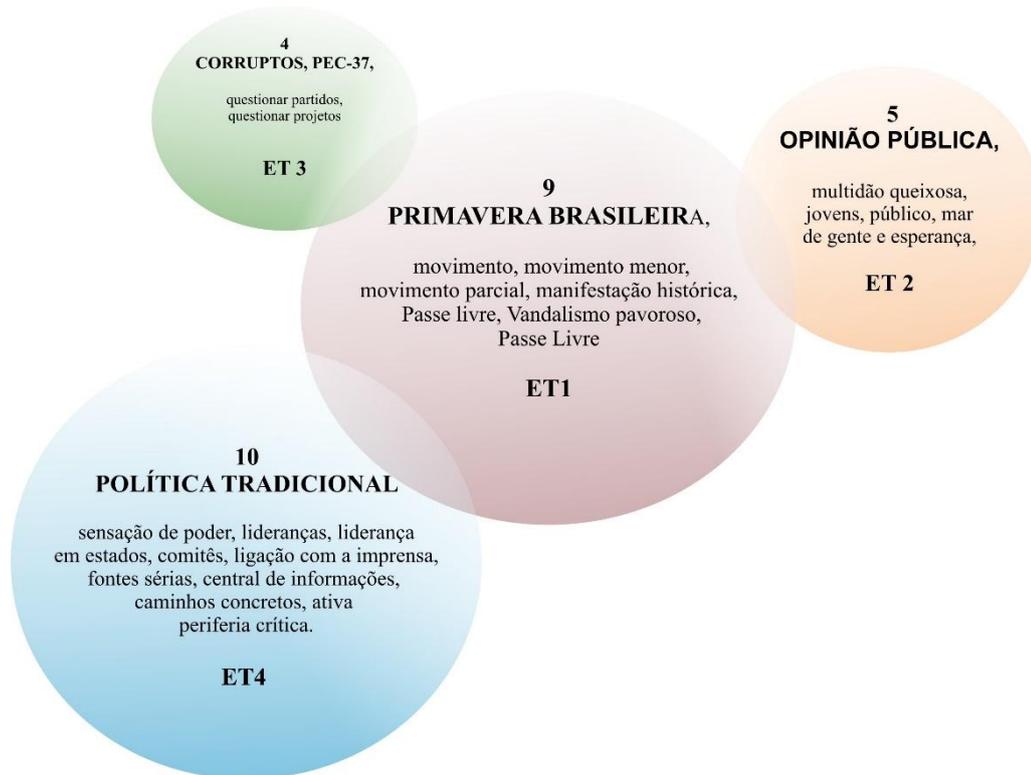
Arnaldo Jabor refere-se aos *Black blocs* como bolcheviques, e afirma que eles estão realizando um vandalismo proposital, que foi programado para desclassificar todo o movimento. Jabor afirma crer que as manifestações brasileiras tem que ser uma periferia crítica permanente, sem ser um partido tradicional. Esta narrativa é exatamente igual ao comentário anterior.

Outro perigo que Jabor identifica é a abstração e faz novamente mais uma crítica à multiplicidade de reivindicações. Ele teme que isto torne as manifestações muito genéricas e que ela se pulverize demais. Nos últimos comentários, Jabor vem mantendo este discurso.

Para ele, outro perigo é o tempo. Ele entende que os políticos estão jogando com o tempo e acham que ele pode enfraquecer os movimentos, contando com o cansaço dos manifestantes. Ele indica que o movimento tem que representar a sociedade como se fosse uma espécie de Ministério Público sem gravatas. Ou seja, aqui Jabor entende que não deve ser institucional, apesar de indicar, neste e em outros comentários, que tenha líderes, organização e até célula jurídica. É realmente bastante contraditório.

No gráfico a seguir percebemos que o discurso deste comentário é bastante pulverizado e diverso. Ele fala muito dos manifestantes, se referindo a eles como povo, juventude que acordou, mas indica também a questão do vandalismo, com palavras como punks, marginais, em relação a ações de violência do grupo *Black Blocs*, percebida no eixo temático 2, representado pela cor laranja.

Ainda em relação a este grupo, ele fala do Poder Público, em relação a Polícia que não pode atirar para matar, dando a entender que o correto seria abrir fogo contra o grupo de *Black Blocs*. E no eixo 4, indica que os manifestantes estão gozando da sensação de poder, quase como uma virada de lado, agora eles não são oposição e sim situação, estão experimentando o Poder Institucional, estão com o poder nas mãos, e afirma que agora parece que vai dar certo a causa das manifestações.



10. Análise do Comentário 9 – Movimento Passe Livre pensa no presente

O foco da narrativa do comentário 9 de Arnaldo Jabor para a *Rádio CBN*, da quarta-feira, dia 26 de junho, às 8h09, é afirmar que o *Movimento Passe Livre* não pensa no futuro e sim no presente, diferente dos petistas que falam em um futuro imaginário, com um socialismo ridículo.

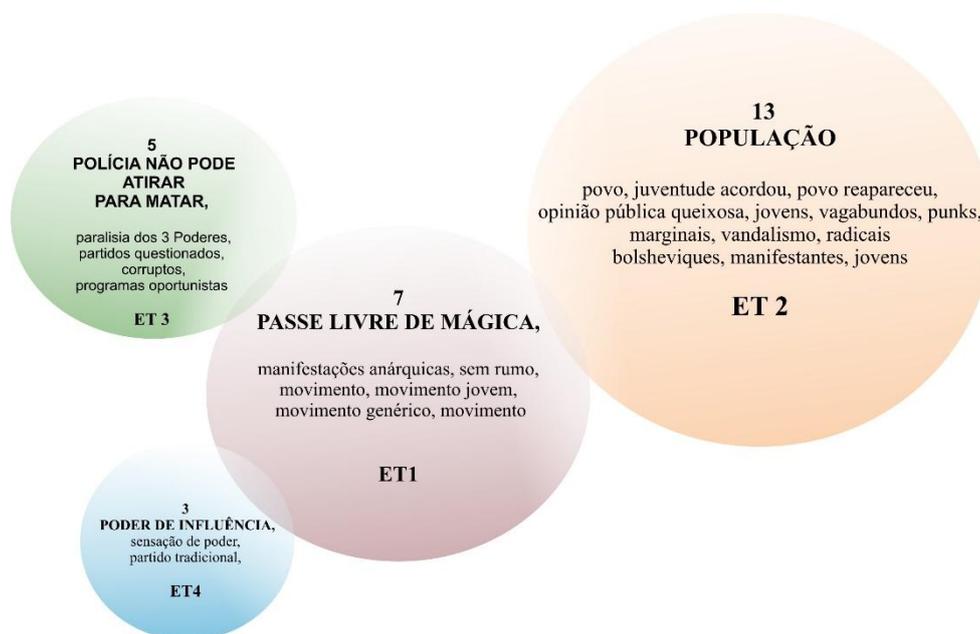
O comentarista afirma que o *Movimento do Passe Livre* pensa, a curto prazo, e em problemas que atingem a todos os cidadãos principalmente dos grandes centros: saúde, educação, transporte. Para Jabor, o MPL pensa nas pessoas vivas e o governo atual pensa tão, a longo prazo, que estaremos todos mortos quando houver alguma resolução para tantos problemas que atingem ao povo brasileiro.

Este comentário não faz menção direta às manifestações e aos atos de protestos, mas enaltece o *Movimento Passe Livre*, põe em protagonismo o grupo que iniciou a onda de manifestações, até então massacrado e desprezado pelo comentarista.

Interessante perceber a relevância que Jabor atribui ao *MPL* para o momento atual em que o país vive. Ao iniciar seu comentário falando sobre o julgamento final do

Mensalão, a atuação do Ministro Joaquim Barbosa, no Supremo Tribunal Federal, ele trás a tona importantíssimos fatos políticos, e faz questão de ressaltar a importância deste grupo de jovens para jogar ainda mais luzes nestes fatos e a dizer que muito provavelmente estes mesmos fatos fizeram surgir o *MPL*.

Um dos objetivos deste comentário é claramente atacar o Governo, o PT, que não tem ações precisas no presente e vive de um futuro inexistente porque as pessoas que estão a frente são incompetentes. É um forte ataque aos governantes do partido e a seus aliados como verificamos no gráfico a seguir.



11. Análise do Comentário 10 – Brasil voltou a ter uma sociedade viva

Arnaldo Jabor, em seu último comentário do mês de junho de 2013, que foi numa quinta-feira, 27, às 8h15, a respeito das manifestações que aconteciam nesta época, dá uma indicação de repercussão internacional ao abrir a coluna falando para os ouvintes da *Rádio CBN*, que teve que viajar aos Estados Unidos e que os jornais americanos estão impressionados com o *Movimento do Passe Livre do Brasil*.

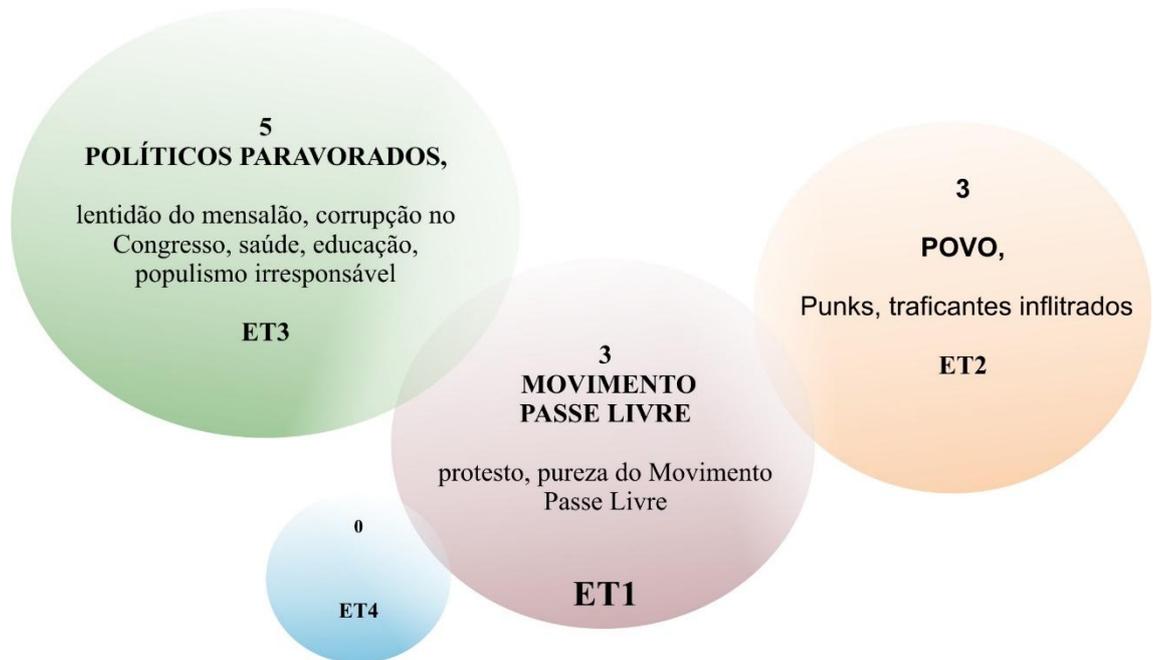
Jabor afirma que os americanos estão impressionados com a pureza do movimento, que vai muito além do *Occupy Wall Street*. Neste momento, o jornalista diz que “nosso movimento tem metas claras: educação, transporte, saúde, corrupção no Congresso, uma série de metas objetivas”. Esta afirmação é totalmente contrária a que ele vinha mantendo nos últimos comentários, em que muitas vezes criticou a diversidade do movimento, chegando a afirmar, por exemplo, no comentário nº 9, que o movimento era genérico demais. Muito provavelmente, ao analisar a imprensa americana, tenha alterado seu pensamento a este respeito.

Do meio do comentário em diante, Jabor passa a citar pontualmente alguns jornais, como por exemplo, o *Wall Street Journal*, que publicou que “nunca o Congresso brasileiro agiu tão rapidamente como agora”. Jabor ressalta que as manifestações brasileiras são uma novidade, que vai além de protestos como na Turquia.

Ele também analisa que a credibilidade do Brasil deve crescer ao invés de piorar. O motivo é a contribuição brasileira ao mundo de uma nova forma de protestos, firme e pacífica, vigilância permanente para o bom funcionamento da democracia. Neste momento ele também critica o vandalismo, os punks e até traficantes infiltrados nos protestos.

Percebe-se no tom de voz do comentarista, uma alegria, até um certo orgulho das manifestações brasileiras, tom bastante diferente de outros comentários, quando tenta a todo custo desqualificar o movimento. Muito provavelmente, a narrativa foi alterada devido à influência da análise internacional, favorável aos movimentos no Brasil. É evidente a mudança de lado e de discurso na evolução dos comentários para a rádio CBN.

Neste último gráfico, fica demonstrado que o foco deste último comentário é atacar o Governo lembrando dos principais problemas e que são cobrados pela povo.



Considerações Finais

Torna-se evidente, as contrariedades do colunista da rádio CBN, Arnaldo Jabor, inicialmente negando os protestos, opinião totalmente contrária às manifestações. Mas em três dias, e após muitas críticas nas redes sociais, se converteram em apoio e elogios aos manifestantes. Desta forma, as colunas compõem um mosaico de informações pertinentes para as investigações na área da comunicação, especialmente na incoerência do jornalismo contemporâneo, muitas vezes seduzido por suas vinculações econômicas e políticas.

O tom conduzido pelo jornalista nos primeiros comentários é de enfatizar a violência dos manifestantes e menosprezar o argumento dos atos. Aliás, ele afirma que a violência não é da Polícia, afinal ela esteve na defensiva. Chama os protestos de batalhas de ruas e os jovens manifestantes de filhos da classe média, irresponsáveis e ignorantes políticos. Três dias depois, ele faz o *mea culpa* e afirma que errou. As manifestações, nas declarações de Jabor, passam a ser um “Momento histórico e lindo”.

Mesmo em se tratando de opinião, sempre é indicado que se escute os vários lados dos acontecimentos. É fato que Arnaldo Jabor não utilizou desta técnica

jornalística, tirando conclusões precipitadas sobre as manifestações. Numa sociedade midiaticizada, na qual os conteúdos informativos estão cada vez mais multiplataformas e a circulação de informação mais rápida e abrangente, a grande imprensa fica também monitorada pelos usuários das redes sociais, que no caso do episódio das manifestações de 2013, saíram na frente dos jornalistas, inclusive aproveitando o espaço para criticar a mídia. Além de monitorar, estes atores sociais podem reverberar, causar inúmeras visualizações, conseguir novos adeptos, criticar e viralizar o que é publicado na mídia ou sua própria opinião através das redes online.

A circulação do produto midiático na sociedade gera processos interpretativos e são fundamentais na construção da opinião pública e de uma maneira muito ativa, os cidadãos pensam cada vez mais em colaboração e intervenção. São informações circulantes de uma sociedade cada vez mais midiaticizada, que faz com que qualquer um possa se apropriar de discursos informativos e transformá-los em uma terceira fala.

Referências

BRAGA, José Luiz: **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática.** São Paulo: Paulus, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação.** Coimbra: Minerva, 1999

MORAES, Dênis de. **Comunicação Alternativa em rede e Difusão Contra-Hegemônica.** In:; COUTINHO, Eduardo. *Comunicação e Contra-hegemonia.* Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2008, p. 39-64.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>. Acesso em: 12 de out. 2014.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediaticizada. O spot e os elementos da linguagem radiofônica.** São Paulo: Annablume, 1999.